

JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

o programma e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina da capa.

O ANNO NOVO.



—Bons annos, bons annos, minhas queridas leitoras! A deusa da fortuna faça espargir sobre vós todos os prazeres que adornão o altar da felicidade, e assim vos embelleze a existencia por todo o volver deste anno de 1855, para que possamos tambem ter a satisfação de contar-vos constantemente no numero de nossas assignantes.

Para vos merecernos esta prova de estima e apreço não deixaremos de empregar todos os recursos de que pudermos dispor. As nossas estimaveis collaboradoras nos promettem a continuação de sua valiosa cooperação.

As modas ser-vos-hão do mesmo modo apresentadas em bellos figurinos; sobre os quaes entendemos dever advertir-vos que, sendo elles feitos em Pariz, recebemos as colleções que encommendamos em estações diferentes: e por isso a natureza de algumas fazendas nelles indicada deve ser substituída pelo vosso bom gosto, conforme as indicações do verão ou do inverno. Entretanto os adornos, feitos, penteados, etc., serão sempre dos mais modernos.

Continuaremos a dar-vos mensalmente riscos de bordados, e musicas inteiramente novas, muitas das quaes expressamente compostas para o *Jornal das Senhoras*.

Esperamos que o vosso espirito fique satisfeito com a leitura dos romances escolhidos que vos offerceremos, originaes ou traduzidos, sen-

do as traducções feitas por uma de nossas distinctas collaboradoras que com muita benignidade se dignou tomar sobre si este encargo.

As noticias que houvermos de vos transmittir ser-vos-hão dadas em artigos especiaes aos diversos assumptos a que ellas se referirem. Nelles trataremos dos salões, dos theatros, dos passeios, dos divertimentos novos e curiosos que apparecerem, procurando sempre moralisar os factos, e censurar e corrigir os abusos que tão frequentemente se commettem nas sociedades, e que a nimia delicadeza tolera ou que a propria dignidade despreza.

Além disto teremos sempre extremo prazer em offercer-vos artigos que possuão conter algumas idéas, dignas de as reunirdes á vossa instrução, quer sobre litteratura, historia, geographia, etc., quer sobre musica ou sobre qualquer outra das muitas preudas que adornão o nosso sexo.

Eis aqui, minhas boas amigas, quanto vos promettemos. Se couber em nossas forças melhorar a publicação deste jornal pelo auxilio que nos prestardes com as vossas assignaturas, confiamos muito para isso na intelligencia da pessoa a quem incumbimos a gerencia do material da empreza para que bem se realisadas as vossas esperanças de melhoramento. Em todo o caso nunca vos daremos um jornal menos digno de

vós, que nelle achareis sempre alguma cousa que possa satisfazer a vossa expectativa a respeito do desempenho do nosso compromisso, para o qual contamos com a sincera dedicação e estima das amigas que prometterão auxiliar-nos.

Tal é, leitoras, o nosso programma para o anno de 1855: Aceitai-o e protegei-nos.

A REDACÇÃO.

CHRONICA DOS SALÕES.

Boas festas e bons annos, minhas leitoras.

Eis-nos aqui de novo a dar cumprimento ao nosso recente compromisso de transmittir-vos noticias semanaes das occurrencias havidas nos elegantes salões do Rio de Janeiro. Permitta Deus que tenhamos saude e tranquillidade de espirito para que possamos em todo o correr deste anno satisfazer a vossa justa expectativa, com o que não menos folgaremos do que vós outras; pois é sempre para nós muito agradável não ter incommodos, physicos ou moraes, nem mesmo motivos para nos causar o insupportavel máu humor, que tanto afflige a quem o soffre como a quem o observa.

Temos naturalmente um character jovial (e dizem as nossas amigas que somos engraçada), e por isso gostamos de toda essa variedade de objectos, pessoas e phrases que se veem e ouvem no grande tumulto de um salão concorrido, que representa cada um de per si um mundo em miniatura; o qual, pelos conselhos e maximas recebidas de nossos pais, estamos acostumada a encarar como um quadro de medico, delicado sim, mas representando allegorias que, se não são ridiculas, provocão sempre o riso a quem o considera como nós. Neste parecer nós assemelhamos á um celebre philosopho dos tempos antigos para quem era este mundo um ridiculario que lhe provocava constante hilaridade. Entretanto com isto não queremos dizer que nós julgamos isenta de um dia ser acommettida de algum desses delirios, que os homens se lembrão denominar *Amor* para não causar tanto horror a quem o conhece só pelo nome. Fizerão bem nisso: porém bem poderião crismal-o hoje, porque é já muito conhecido em seus effeitos; e por isso estamos tão prevenida contra a supposta divindade. Não nos castigue Deus: porém temos fé de que somos refractaria á sua influencia pela natureza de nosso character jovial, pela prevençãõ, e ainda mais porque estamos tão acostumada a rir e brincar, que nós serã, muito provavelmente, impossivel abandonar o constante variar de nossos alegres pensamentos para nos concentrarmos toda nessa mathematica do sentimentalismo do coração para resolver um calculo abstracto de uma felicidade impossivel de gozar-se, e para nós até inconcebivel.

Contai, pois, com o nosso espirito sempre bem disposto para encarar o mundo como elle é, e as paixões como convém que sejam.

Este anno começou para nós com bastante satisfação: e não sabemos se esta expansãõ de nossa alma será algum bom ou máu agouro.

Tambem acreditamos pouco em agouros. Mas, assim como nós, o anno tambem trouxe a alegria e o prazer a muita gente, que, nos suburbios desta cidade, se tem entretido em animadas companhias, não obstante haver o máu tempo tentado interromper os recreios da estaçãõ com constante chuva desde muitos dias. E, como não ha obstaculos onde ha boa vontade, a chuva viu-se forçada a ceder ao sol radiante a presidencia de toças as companhias, cujas distrações e entretenimentos não se tem interrompido desde a vespera do dia de Natal.

Temos tido a fortuna de haver participado do enthusiasmo de algumas de nossas amigas, em companhia das quaes temos passado alguns destes ultimos dias, graças á permissãõ de nossos pais. No Catteté, e dahi por diante até S. Clemente, onde passamos dous dias, muitas reuniões tem havido cuja descripçãõ, se a tentassemos, seria materia para encher todos os numeros do *Jornal das Senhoras* no corrente anno. Só os episodios, carreirinhas e golpes de vista lançados para a estrada em todas as horas calculadas da chegada da barca ou dos omnibus do Botafogo seria para nós materia vasta. As inquietações causadas por demoras se prestarão a longos dialogos; e finalmente ás amaveis recepções de alguns recém-chegados convivas fornecerão assumpto para excellentes episodios.

Dous dias no Rio Comprido, um em Andarahy, e dous na Ponta do Cajú não foram menos fertéis em acontecimentos de sentimentalismo, nem menos prazenteiros para as pessoas que se achãrão nesses logares.

Mais felizes talvez do que nós, ainda se conservão reunidas todas essas companhias, ao tempo que já nos achamos na cidade escrevendo a *Chronica dos Salões*.

Bem feliz foi o *Dia de Reis*, e cheio de satisfacão para nós: porém absteinos-nos de contar delle alguma cousa para que no proximo numero possamos dar-vos uma historia completa dos acontecimentos, tanto dos salões da cidade, como do campo, que presenciãmos, auxiliada pelas noticias de amigas predilectas com quem ainda não pudemos encontrar-nos, e que combinadamente se separão de nós quando ha muitos divertimentos simultaneos para nos comunicarmos depois todas as noticias, e podermos assim todas saber muitas cousas occorridas na mesma occasião em diversos logares.

Não digais ser isto um estratagemã de curiosidade feminina, não: não faremos mais do que imitar certos elegantes cavalheiros, que costu-

não reunir-se em sessões diárias na rua dos Invalidos, e que procedem deste modo em cumprimento de um artigo dos estatutos do Club que formáram sob a denominação de *Club solidario*, no qual por este systema se sabe tudo quanto se

passa, até mesmo no palacio das Tulherias, por intermedio de um socio solidario que está em Paris.

Até domingo próximo, leitoras.

Alina.

DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

VESTUARIO DE ESTAR EM CASA. — Saia de nobreza verde.

Cazavech de veludo preto, enfeitado de galão, renda e botões.

Sub-mangas, camisinha e modestia de cambráia de linho, guarnecidas de valencianas.

VESTUARIO DE PASSEIO. — Vestido de nobreza lisa: saia enfeitada com dous folhos guarnecidos de fita de veludo da mesma côr.

Mantelete da mesma fazenda, enfeitado tambem de igual veludo.

Chapéu de seda com blonde e flores.

VESTUARIO PARA UMA CRIANÇA DE UM ANNO.

— Vestidinho de cambráia, curto e decotado, de mangas curtas, enfeitado de tiras de bordado inglez e laços de fita de nobreza côr de rosa.

DIA DE REIS.

Desde o principio da era christã a igreja commemora em todos os paizes christãos a chegada dos tres Magos á Jerusalem, trazendo do Oriente ricas offrendas consagradas ao Filho de Deus. Os povos tambem solemnizam este acontecimento religioso com divertimentos diversos e conformes ao estylo desde longo tempo estabelecido em cada paiz.

Muitas ceremonias têm logar, mais ou menos interessantes, que se repetem todos os annos, e se transmittem de gerações a gerações.

E' admiravel a influencia do christianismo, que até mesmo nos prazeres publicos por motivos delle não se alterão os estylos primeiramente estabelecidos entre cada povo.

Seria longo, leitoras, enumerar-vos todos os usos dos diferentes povos por occasião da festa dos Magos: nem mesmo o poderíamos fazer com exactidão, porque não temos presumpção de saber tudo quanto no mundo se faz por este motivo.

Em França, por exemplo, é costume reunirem-se as familias para brincar alegremente, escolhendo d'entre as pessoas presentes uma para presidir aos divertimentos. Para esta escolha prepara-se um delicado bólo, em cuja massa se tem lançado uma amendoa, o qual, partido em tantos pedaços quantas são as pessoas presentes, é servido aos convivas, e aquelle que toma o pedaço que contém a amendoa é por todos os outros aclamado o rei, e preside á festa, que consiste em musica, danças, passeios, banquetes, etc.

Sabeis o que se passa entre nós. Concorre muita gente para os arrebaldes da cidade: ahi se

fôrão brilhantes companhias, que, entoando hymnos acompanhados por orquestras, vão dar descantes ás portas das casas de pessoas de sua amizade. Geralmente se recebe aviso, e os donos das casas preparam casa e esplendidas mesas para receber as companhias que os obsequieão.

Em geral é depois das onze horas da noite que sahem os bandos alegres de musicos e cantoras, cujas suaves vozes parecem canticos celestes que intentão despertar a natureza envolta no manto da noite. Echoão as harmonias nos montes, e ás bellas melodias vão esconder-se entre as folhas orvalhadas dos pomares ou repousar sobre as frias petalas das flores, que lamentão talvez não ter uma voz para responder-lhes.

E' encantador e magnifico ver caminhar pelas estradas esses batalhões das mais bellas e elegantes damas da nossa sociedade, trajando apropriados e seductores *toilettes*, e acompanhar o bando festivo até que a aurora desperte ao som dos hymnos, e surja do Oriente a pedir ás bellas que se escondão para que o sol possa brilhar sem ter ciumes.

O Dia de Reis é sempre passado em numerosa companhia, em cujo seio não cessa o constante folgar em que a surpreendeu o dia.

Os musicos compoem hymnos; os poetas escrevem os versos; as bellas preparam todas as armas do *toilette* para o combate sempre renhido da conquista do throno da elegancia; os cavalleiros dispoem com calculada premeditação toda a sua affabilidade e delicadeza, ao mesmo tempo que imaginão mil variadas impressões que deverão causar-lhes tantos doces risos, tantos lindos olhos, tantos delicados collos, tantos....

tantos encantos reunidos em cada companhia para commemorar os três Reis Magos.

Quizeramos poder produzir um pensamento allusivo ao assumpto, e digno delle e das nossas leituras: na impossibilidade, porém, de offerecer-

lhes uma poesia nossa como um brinde do *Dia de Reis*, esperamos que sejam aceitas as que transcrevemos em seguimento deste artigo, por nos parecerem muito delicadas para merecerem a honra de serem lidas pelas nossas elegantes amigas.

POESIA.

OS MAGOS.

I.

Prostrai-vos, ó povos, prostrai-vos por terra,
Que a voz da verdade já ides saber:
Silencio nos valles! silencio na serra!
Que o livro dos anjos prophetas vão ler!

Enxuga teu pranto, bom povo escolhido,
Qu'o Céu vem remir-te, bendita Judá;
As duras algemas do pobre opprimido
Bem cedo partil-as o Eterno virá!

A voz dos prophetas fallou inspirada
Do alto do cabeça do Monte Sinai;
A tribu captiva, d'alegre pasmada,
Escuta bradar-lhe: « Judeus, exultai!... »

Os annos passavão; o povo gentia
Nos ferros pesados da vil servidão;
« Mentirão prophetas, o povo dizia,
As nossas algemas eternas serão!... »

E todos perdidos, sem fé, sem esp'rança,
Em breve s'esquecem da voz d'Isaias;
No crime se abysmão, não vem á lembrança
Qu'o tempo chegára de vir o Messias!...

II.

Estrella formosa
De luz radiosa
Se via luzir,
E era tão bella
A fulgida estrella
De mago sorrir!...

Os Magos sómente
A virão luzente,
Risonha fulgir;
Nos céos accendida,
A senda da vida
Par'cia florir!

E logo a estrella
Seguirão tão bella

Nos céos a luzir,
De noite, de dia,
E sempre se via
Mais linda sorrir!...

III.

Os Magos tanto andarão,
Tanto andarão, que pararão
Ao pé de Jerusalem!...
Aos céos volvendo a vista,
Debalde... já não s'avista
Estrella que já não têm!...

Tantos sabios na cidade!
A's gentes é novidade
E a Herodes tambem;
Os Magos sómente crêem,
Qu'entr'os astros fulgir vêem
Estrella que já não têm.

Vão buscar em paços d'ouro
Divino, rico thesouro,
Qu'inda não vira ninguem;
Mas debalde... errado o trilho
Já no céo não luz o brilho,
A estrella já lá não têm...

Sacerdotes congregados,
E d'Herodes perguntados...
Que respondem? « Bethem!... »
Logo os Magos conhecêrão,
Pela estrella estremecêrão,
Estrella que já não têm!...

IV.

E os Magos vierão,
A Herodes disserão:
« Nós vimos aqui...
Que um astro luzente
Lá dêsde o Oriente
No céo nos sorri!... »

« Vós vindes buscando,
(Lhes disse occultando
A custo o furor)
O Rei dos Judeos?
O Eleito dos céos?...
Fallai sem temor!... »

« Sim... nós o buscamos,
Na terra vagamos
Apoz do Messias,
Seguimos a estrella
Que o fim nos revela
Das mil prophecias!... »

« Pois ide... eu espero,
De vós saber quero
Tal Rei ond'está
Para ir adoral-o,
Seguil-o e amal-o
Com todo Judá!... »

Os Magos partidos
Caminhão perdidos...
Perdidos hão de ir?...
A estrella apagada
Lá foi avistada
Nos céos a sorrir!...

Oh! Magos! a estrella
Segui, que revela
A voz da verdade...
Das gentes o esp'rado
Será encontrado
Em pobre humildade!...

V.

Os Magos tanto andarão,
Tanto andarão, que pararão,
Entrados em Bethelém,
E ao céo erguendo a vista,
Não de balde... que s'avista
A estrella que os céos lá tem.

E lá vão... lá vão seguindo
Pelo trilho, que luzindo
A estrella mostrar-lhe vem...
Então em pobre pousada
Entrão... que fulge dourada
A estrella que os céos lá tem!...

E' possível?... Divindade
Ser aqui nesta humildade?...
Ser aqui?... tão sem ninguém?..
Oh! se é!... que sobre ella

Cada vez brilha mais bella
A estrella que os céos lá tem!...

VI.

Os Magos entrão... vêem,
Vendo creem
Sem temor!...
Cahem por terra prostrados,
Assombrados
Do fulgor!...

Era ali recém-nascido
Filho q'rido
Do Senhor!...

Os pastores ali se vião,
Que dizião:
« Redemptor! »

Os Magos, no que lh'off'recem,
Não esquecem
Seu amor!...

E dali sahem folgando,
E clamando:
« Salvador! »

E caminhão pressurosos,
Receosos,

Com temor;
Mas um anjo se divisa
Que os avisa
Do traidor!

Partem... fogem apressados,
Desviados,
Com terror...

Vão todos louvar contentes,
Reverentes,
Ao Senhor!!

E Herodes raivoso aos Magos espera,
De balde que os Magos mui longe são já...
E manda, bramindo, com raiva de fera,
Matar innocentes por todo Judá!...

Matar innocentes! mas o anjo dos Magos
O filho da Virgem do p'rigo salvou,
E diz-lhes que fujão, em sonhos presagos...
E logo fugindo, seu anjo os guiou!...

Christãos! a verdade, fallou-a singela
O Filho do Eterno, Divino Jesus!
Segui-a! segui-a! que em vez d'uma estrella
No cimo do Golgotha lá tendes a cruz!!

J. G. de Barros e Cunha.

NATUS EST JESUS!

Que estrella tão rutilante
Ali no Céu resplandece?!
Que differença tamanha
No Mundo inteiro apparece?!

Que Mãe tão pobre é aquella?!
Tão pobre! não se desdoura
De dar á luz seu Filhinho
N'uma alheia mangedoura!....

Onde vão os Reis da Terra
Seguidos de um povo immenso?!
Que berço é esse á quem levão.
O ouro, a myrrha, o incenso??

A luz de todos os astros
Essa Estrella em si contém...
Seu clarão mostra um caminho!
Onde vai ter?!... a Bethlém!

O mundo, triste até hoje,
É hoje um mar de alegrias!
Por quem esperava o Mundo?...
Por quem o salva—o Messias!...

A Mãe tão pobre é mais rica
De que os Archânjos dos Céus!
Ella é quem livra os humanos
Da culpa de que erão réos!

Os Reis da Terra se humilhão
Diante da Divindade!..
Naquelle berço descança
Todo o Bem da Humanidade!....

Deus quiz descer hoje á Terra,
Quiz—homem—ser dado á luz...
De quem nasceu?... De MARIA!
Como se chama?.. JESUS!

Dr. Symphronio.

AS TRES NOITES DE NATAL.

I.

A LOJA DE MODAS.

Em Lyon, em uma loja de modas situada na praça de Terreaux, esquina da rua de S. Pedro, estavam cinco moças, que parecião muito occupadas. As cortinas da vidraça estavam corridas de maneira que se não podia ver do lado de fóra: davão dez horas no grande relógio da casa da municipalidade, e era a vespera do Natal.

— Vamos, moças, acabemos com isto, se quereis que façamos ceia esta noite, disse com ar meio familiar, meio imperioso, outra moça, Anastacia, primeira costureira de M.^{mo} C..., e que se distinguia por sua magreza e por suas pretensões a dominar.

— Meu Deus, senhora, não se pôde trabalhar mais do que é possível, replicou uma mocinha de physionomia viva, e cujo nariz fino e arrebitado estava sempre *en l'air*: demais, se a obra não ficar hoje prompta, se acabará depois de amanhã.

— Isso não, Sra. Tonina responde, bem sabeis que madame disse que estas encomendas tinham pressa, e que não queria que as largassem sem estar acabadas.

— Então, tornou uma outra moça gorda, de cara cheia e corada, cujos hombros e peito largos annunciavão mais vigor do que actividade, e se chamava Rosalia: então, se não acabarmos

hoje, não iremos á missa da meia noite? Assim, antes quero ir já deitar-me e trabalhar amanhã.

— Não digo eu isso, respondeu Clarisse, trigueirinha, de olhos e cabellos negros, de physionomia viva e sagaz, e um olhar meigo e penetrante: eu não quereria faltar á esta festa por todo o dinheiro do mundo: moça, dê a cada uma a sua tarefa, e quem for preguiçosa queixe-se!

A primeira costureira approvou e pôz em execução a prudente proposta. Durante um quarto de hora era tal o silencio que se podia ouvir o barulho das azas de uma mosca.

De vez em quando Tonina levantava o seu narizinho torcido e fazia uma carêta *sorradeira* para a moça primeira costureira.

— Ah! senhora, consinta que se converse um pouco: se não, dormirei em cima da costura.

— Esta Rosalia é insupportavel com o seu desejo de tagarellar, retorquiu Clarisse: minha camarada, tendes muito tempo de dormir em todas as noites do anno para passar esta acordada.

— Então dize-me, Clarisse: irás sósinha a S. Pedro esta noite?

— E você, Tonina?

— Bem sabes que não; o meu noivo Ernesto é muito ciumento para consentir-o.

— Pois eu, disse Rosalia, já mandei dizer ao meu Charles-le-Gros que queria comer chouriços brancos, com vinho branco, e... ostras... e... e uma sopa de cebolas e queijo. Gosto muito disto.

— Esta Rosalia vive para a boca! replicou com desdém a Sra. Anastácia.

— Eis ahí! é preciso tratar bem da saúde. Vós, para quem tudo passa sem proveito, fazeis bem em não comer.

— Ah! acabei! exclamou Tonina.

— Também eu, disse Clarisse: que fortuna! Ainda não são onze horas: temos tempo de tagarellar um pouco. Clemencia, não dizes cousa alguma esta noite?

— Na forma do costume, tornou Tonina: é a Sra. Taciturna que rümína o seu passado.

Aquella de quem Tonina zombava era uma moça de dezoito annos, alta, delgada, morena, de olhos azues e compridos cabellos pretos. Uma physionomia pallida e melancolica, facés um pouco descarnadas, annunciavão um soffrimento lento e continuo: fallava pouco, mas nuncia de objecto que lhe dizia respeito. A sua brandura e condescendencia a fazião amada por suas companheiras, cujos prazeres ella não partilhava. Apesar do ar nobre e distincto, simples, e modesto de suas maneiras, tinha sabiddo evitar o seu ciúme. Eufim, nunca se ouvia uma queixa da sua boca; nunca, desde um anno que ella ahí estava, se lhe tinha ouvido fallar de passagens de prazer, nem conhecido a mais pequena intriga. Muitas vezes, ao amanhecer, tinha ella os olhos fundos pela insomnia, e vermelhos pelo pranto; porém, como a sua dor era muda, ninguem a interrogava.

Clemencia corou com o dito de Tonina, e seus olhos, cheios de lagrimas, abaixarão-se com presteza.

— Sois muito má, Tonina, disse Clarisse naturalmente affectuosa, e principalmente para Clemencia, com quem ella muito sympathisava.

— Moças, interrompeu Anastácia, se vos agrada, mandemos avisar esses senhores para nos virem buscar á meia noite. Eu sei onde encontrar o Sr. Gustavo: está no café de la jeune France.

— Charles tambem, disse Rosalia.

— E Ernesto tambem, disse Tonina.

— E você, Clarisse, tornou a ver aquelle sujeito trigueiro, que lhe fallou o outro dia em Breteaux.

— Sim, disse Clarisse, deve esperar-me á meia noite na porta de S. Pedro.

— Pois bem! Havemos de convidal-o para a nossa ceia!

— De que feito é elle? perguntou Anastácia.

— E' trigueiro, com cabellos pretos e annelados, nariz grande, olhos pretos e tão brilhantes-que causão medo.

— Como se chama? perguntou timidamente Clemencia, cõrando e sem levantar os olhos.

— Ainda não sei; mas penso que não é Francez.

— Talvez seja Italiano, tornou Clemencia ainda mais perturbada.

— Ou Hespanhol, disse Tonina: eu já o ouvi fallar; mas elle tem a lingua bem desembarçada.

— Que máu gosto seu, Clarisse! Eu só gôsta dos Francezes, e particularmente dos Lyõnnezes. Todos os mais são enganadores; não é assim, Clemencia?

Clemencia parecia estar incommodada, e não sabia como responder; mas Clarisse veio ao seu soccorro.

— Ora, se para esperar a hora se contasse historias?

— Sim, sim: bem lembrado! Tiremos á sorte quem contará primeiro, disse Tonina, puxando um baralho de cartas do bolso do avental.

— Quem tirar um rei será a primeira.

— Ah! bem; cahiu bem, disse Tonina: é Clemencia quem começa. Que sorte! Ella, que nunca falla!

— Moças, eu não sei historias; peço que uma outra...

— Não, não, não, sois vós! Não ha remedio, ha de começar.

Clemencia esforçou-se; não obteve desculpa e foi obrigada a contar a historia.

— Pois bem! deixem-me subir ao meu quarto; eu vos lerei um manuscripto que possuo.

— Pois sim, vá depressa, e volte já.

Um momento depois, Clemencia estava de volta. As quatro alegres moças collocarão-se em roda de um lampeão, e Clemencia, assentada perto da mesa, e occulta pela sombra do tapaluz do lampeão, depois de um momento de pausa, começou a seguinte leitura.

(Continua).

BOLETIM MUSICAL.

Como ha já bastante tempo que não havemos tratado do mundo musical, cumpre que, começando o anno, digamos alguma cousa sobre os progressos que a sciencia tem feito pelo auxilio do grande numero de dilettanti deste bello Rio de Janeiro.

Começarei por noticiar-vos, leitoras, que alguns amadores, querendo cantar um *Te-Deum* no ultimo dia do anno, em acção de graças a

Deus, por lhes haver conservado a vida até esse dia, preferirão para esse fim a Igreja da Veneravel Ordem Terceira do Hospicio, cuja administração não só de boa vontade prestou a igreja como tambem acompanhou os devotos, assistindo em corporação a esse acto religioso, que começou por uma eloquente locução feita pelo Rev.^{mo} conego Paiva; seguindo-se a exposição do SS., durante a qual o côro entou um novo

Tantum ergo, composição de admiravel improviso do insigne maestro Giannini. Seguiu-se um novo *Te-Deum*, bella composição de um amador, executado por seis senhoras, uma menina, um professor e quatro cavalheiros, que foram acompanhados no órgão pelo Sr. Giannini, com violoncello e contra-baixo.

As Sras. Dona F. R. e Dona H. de C. cantarão o duetto *Te gloriamus*; o Sr. J. J. da S. R. Junior cantou o solo *Sanctum quoque*; a Sra. Dona S. R. de M. cantou o solo *Tu devicto*; a Sra. Dona M. R. e o Sr. L. o duetto *Dignare Domine*.

Durou a cerimonia das 7 1/2 ás 9 horas, quando foi concluida, tendo produzido admiravel effeito a excellent execução e concerto de todas as vozes, não obstante o estado do órgão não corresponder aos desejos de tão distinctos amadores.

E' um grande melhoramento na sciencia musical o gosto que se manifesta pela musica sacra, que até agora tem sido barbaramente confundida com a profana, a ponto de se tirarem pedacos de operas italianas para os applicar ás palavras dos psalmos e ás orações das solemnidades religiosas.

O Sr. Bento Fernandes das Mercês tem conseguido formar uma escolhida bibliotheca de musica sagrada, e sentimos que este serviço prestado á sciencia por este distincto professor não seja apreciado em toda a sua importancia. Sabemos que já houve idéa de organizar-se uma sociedade ou companhia destinada a constituir uma bibliotheca em grande escala; e é muito para sentir que não vigorasse esta idéa util para o paiz, e sem daviada lucrativa para a empreza. Felizmente o gosto que começa agora a desenvolver-se parece prometter um futuro mais brilhante para esta sciencia no Brasil, onde o talento e o genio, convenientemente aproveitados e cultivados, rivalisarão talvez com os da afamada Italia, sob cujo céu tem nascido os maiores compositores, e tem sido produzidas as mais admiraveis e inspiradas harmonias.

Procuraremos ter a possível regularidade em dar este artigo ás nossas assignantes todos os domingos, procurando nelle informal-as de tudo quanto possa ter chegado ao nosso conhecimento a tal respéito.

Corina.

PREÇO DE UMA MULHER AFRICANA.

Uma partida de colonos inglezes em Africa, caçando no interior, recolheu-se uma noite em um rancho de Indios cafres, e a conversação recahiu sobre as mulheres. « Quantas mulheres (perguntou o Cacique) costuma ter um marido em Inglaterra? » Um da partida respondeu: « que nenhum Inglez, nem mesmo El-Rei, tinha mais de uma. » E qual é em Inglaterra o preço de uma mulher regular? replicou o Indio. Então o informarão que em Inglaterra não se dava dinheiro por mulher alguma, e que era raro o que recebia uma, se ella não trazia dinheiro para o marido. « Vms. são gente celebre, replicou o Indio; entre nós ninguém pôde obter uma mulher regular por menos de doze bois, e uma superior custa até sessenta animaes. Já vejo que as Inglezas não prestão para cousa alguma, visto que seus pais dão dinheiro aos maridos para que as tomem. »

Anecdotas.

Uma dama soffrivelmente feia, gracejando com uma sobrinha, rapariga de quinze annos, verdadeiro anjo-demonico, dizia-lhe — Luiza, não

faças caretas, que isso enfeia, — ao que o diabrete respondeu: — Então muitas fizestes vós, minha tia.

Admirando-se um amigo do celebre poeta Milton, que este ainda depois de cego tivesse achado uma senhora que com elle houvesse querido casar, retorquiu-lhe Milton — Ah! meu amigo, se eu fosse tambem surdo, era o melhor marido de toda a Inglaterra.

CHARADA.

Se a Lilia ingrata	
Assim chamava,	1
Sem piedade	
De mim zombava!	2

Eu, de seus olhos,
Preso, captivo,
A meu pezar,
Ind'hoje vivo!

G. M.

A charada do n.º passado é: *Cosmetico*.

Acompanha este n.º 1 uma estampa com figurinos de estar em casa, de passeio, e de criança.